

## IV Prêmio ABAG/RP de Jornalismo

# Ciclo de Palestras e Visitas

## Opinião de quem participou

“(…) Este Prêmio já é um sucesso, mais do que isto, é uma semente que pode se multiplicar em várias outras experiências (…) Para os meus alunos este modelo pró ativo de mostrar este setor tão importante para o Brasil vai frutificar. (…) O estudante está ávido por novos conteúdos e desafios, ele precisa de incentivos para reposicionar seu papel na sociedade. Foi uma jornada interessante e mostrou que o setor ainda precisa desconstruir alguns estigmas que ficaram no caminho, esta aproximação com a área de comunicação e educação com certeza vai surtir resultados positivos”. Angela Schaum, professora de empreendedorismo do curso de jornalismo da Universidade Mackenzie, São Paulo.

“Apesar de morar na região eu tinha muito pouco conhecimento sobre alguns setores, nunca havia entrado em uma usina, e com certeza um dia teremos que escrever sobre ele. Já li muita coisa diferente do que vi nestes quatro dias, sempre coisas negativas, dificilmente positivas”. Marília Silva, estudante de jornalismo, Unaerp, Ribeirão Preto.

“A visão que nós temos é sempre da crítica, abrir as portas para nós, futuros jornalistas, achei importante. O que mais me impressionou foi a interação entre campo, indústria e tecnologia”. Samuel Ferreira Leite, estudante de jornalismo, Barão de Mauá, Ribeirão Preto.

“Minha visão sobre o setor mudou totalmente, sou mais velho aqui, 49 anos, estou impressionado com tudo que vi e tenho muita coisa para falar. Se depender de mim vou estimular muitos outros a participarem no ano que vem. Para resumir, creio que a frase é: abre-se uma porteira, abre-se uma porta para o futuro”. Francisco Carlos Silva, estudante de jornalismo, Mackenzie, SP.

“Esta é a minha segunda participação no Prêmio, já havia gostado no ano passado tanto que o tema do meu trabalho de conclusão de curso será a história da cana-de-açúcar na região, já estou na fase final do trabalho. Meu olhar sobre o tema já havia mudado, e este ano consegui enxergar coisas diferentes, é um setor muito dinâmico”. Marcela Falsarella Canil, estudante de jornalismo, Barão de Mauá, RP

“Esta experiência não vou levar apenas para a carreira de jornalista, vou levar para a vida inteira. Uma visão diferente sobre o agronegócio e o que ele significa para o Brasil e o



*Visita à colheita mecanizada na Usina São Martinho*

mundo. Descobri que ele não é só grande agricultor, é o pequeno também, tudo se encaixa, faz sentido. É muito mais presente do que eu podia imaginar. Quando fui convidada para participar do Prêmio fiquei meio desconfiada: para que saber de agronegócio, moro em São Paulo? Foi uma surpresa. Participaria de novo, a primeira vez é um olhar a próxima com certeza será diferente”. Carolina Teixeira, estudante de jornalismo, Mackenzie, SP.

“Independente do que agente possa pensar, precisamos do agronegócio. Como jornalista, tenho a obrigação de tentar entender melhor todos os assuntos. Esta oportunidade de conhecer o agronegócio foi muito importante para mim que vou ter a responsabilidade de informar o público. Muitas coisas do que já li não correspondem ao que vi nestes dias. Isto aumenta mais a minha responsabilidade”. Maria Fernanda Marucci, estudante de jornalismo, COC, Ribeirão Preto.

“Esta era uma realidade que eu tinha pouco contato e quase nenhum interesse. Se for depender do que se vê na TV ou lê nos jornais é completamente diferente. A preocupação com a sustentabilidade é clara, e se vê que é antiga, não se faz por que está na moda. Os reflorestamentos, o uso racional da energia, o uso da tecnologia, a preocupação com o social, está tudo sendo feito e usado há décadas, a sustentabilidade não é fachada. O cansaço de toda esta jornada valeu a pena, sem ter vindo eu nunca iria saber como de fato funciona o agronegócio”. Imani Zoghbi, estudante de jornalismo, Mackenzie, SP.

# Ciclo de Palestras e Visitas - IV

**D**isposição e vontade não faltaram para os participantes do Ciclo de Palestras e Visitas do IV Prêmio ABAG/RP de Jornalismo. Foram quase 40 horas de atividades, sem contar o deslocamento pelos quase 1.100 quilômetros percorridos nos três dias de duração do Ciclo.

A participação, obrigatória para os estudantes de jornalismo, que concorrem na categoria Jovem Talento, e opcional para os profissionais, foi contagiante. Alunos de cinco faculdades participaram, sendo quatro do interior: Barão de Mauá, Coc, e Unaerp de Ribeirão Preto, Unifran de Franca, e uma de São Paulo, o Mackenzie.

## PRIMEIRO DIA CITRUS E SAÚDE ANIMAL



Os grupos só se encontraram no primeiro dia de atividades na cidade de Araras para uma visita à Citrovita, onde a cadeia produtiva da laranja foi o tema. O presidente da CitrusBR, Christian Lohbaur, foi o palestrante e mostrou os principais desafios para a indústria brasileira de suco de laranja, que exporta 98% da sua produção e é responsável por três de cada cinco copos consumidos no mundo.

O longo caminho do pomar ao copo foi apresentado pelo gerente de agronegócio do Grupo Votorantin, Mario Rodrigues. Um setor sustentável, que busca o equilíbrio das relações entre indústria e produtores e tem o enorme desafio de retomar mercados. O suco de laranja, que entre 2003 e 2010 amargou uma queda de 5,3% no consumo em mercados tradicionais, agora quer modernizar sua imagem para conquistar novos consumidores. Uma longa caminhada pela indústria mostrou todo o processo, da chegada da fruta no caminhão até a extração de todos os produtos, o suco, o bagaço, o bagaci-



lho e o óleo, todos 100% aproveitados.

Da laranja para a pecuária. Mais precisamente para uma indústria de medicamentos veterinários. Na cidade de Cravinhos a parada foi na Ourofino Agronegócio, uma referência na fabricação e comercialização de produtos de saúde animal, a primeira entre as indústrias brasileiras. Na sede da empresa, que atua em mais de 30 países, a palavra inovação aparece em seu completo significado. Percorrendo os corredores da indústria, a impressão é de estar num espaço futurista, tudo muito limpo, ar filtrado, empregados com uniformes que deixam apenas os olhos de fora. Nos laboratórios equipados com os mais modernos equipamentos a comprovação do cuidado com a produção e esforço para inovar. Mas o que mais chamou a atenção dos visitantes foi a preocupação da empresa em se comunicar interna e externamente. Um estúdio de TV com infraestrutura completa para transmissão ao vivo e edição de matérias, equipamentos de ponta e nove jornalistas trabalhando, garantem uma comunicação direta com o homem do campo e da cidade.

## SEGUNDO DIA CAFÉ E PESQUISA

Um dos mais tradicionais e aprecia-



dos produtos da agricultura brasileira, o café, mereceu uma manhã toda de boa prosa. Na Cocapec, Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas, em

Franca, a conversa foi sobre o cooperativismo e suas vantagens para o produtor e, é claro, sobre café. O ouro negro da economia brasileira vem aumentando ano a ano seu volume exportado. O café mantém seu status comercial e agora também o social. Enquanto o consumo mundial anual per capita, de 1,2kg, cresce 1,5%, no Brasil ele é de 4,3kg, com crescimento de 2% a.a. para o tradicional, e 10% a.a. para o expresso. Durante a visita à cooperativa o grupo pôde acompanhar todo percurso do café fora das fazendas, da chegada à cooperativa e sua classificação, até a torra, moagem e empacotamento. A visita teve ainda uma feliz coincidência, estava acontecendo o julgamento do concurso de café de seus cooperados, por isto um time de degustadores estava a postos avaliando corpo, acidez, amargor, retrogosto...Um trabalho também feito por máquina, a chamada Língua Eletrônica.



Na primeira visita da tarde na Embrapa Instrumentação Agropecuária, em São Carlos, os jovens jornalistas puderam conhecer o laboratório de nanotecnologia em que esse equipamento foi desenvolvido. Eles foram recebidos pelo seu Chefe Geral, Luis Mattoso, pelo pesquisador Silvio Crestana, ex-presidente da Embrapa, e pelo jornalista Edilson Fragalle. Em uma espécie de “talk show” os três foram “entrevistados” para falar do trabalho de 38 anos da Embrapa, cuja tecnologia desenvolvida foi responsável, em grande parte, pelo significativo aumento de produtividade nas lavouras brasileiras.

A segunda visita da tarde, também em São Carlos, foi na Fazenda Canchin, que abriga a Embrapa Pecuária Sudeste, cujo Chefe Geral, Maurício Alencar, reforçou a importância da comunicação e até ofereceu vagas de estágio para os jovens jornalistas. Ele também falou dos esforços da pesquisa para se obter uma



# Prêmio ABAG/RP de Jornalismo

## Palestrantes fizeram a diferença do Ciclo

carne mais macia e um leite de melhor qualidade, produzidos sustentavelmente. Das pesquisas apresentadas, a que mais chamou a atenção foi a RedePecus, Pecuária Sustentável, um trabalho intenso que está sendo desenvolvido para quantificar a emissão de gases do efeito estufa pela pecuária, tirando o foco apenas do animal e estendendo a medição para todo manejo de campo.

A comunicação também é matéria prima para a Embrapa, são quase 200 profissionais espalhados pelas unidades de pesquisa no Brasil, um esforço para se aproximar da sociedade urbana e do produtor rural.

### TERCEIRO DIA AGROENERGIA E INOVAÇÃO

A contextualização da importância da agroenergia para o mundo e o papel do Brasil nesse cenário foi o tema central de Luis Carlos Correa Carvalho, diretor da Canaplan e vice-presidente da ABAG Nacional, em uma palestra preparada especialmente para os futuros jornalistas. Foi “apresentado” a eles o Brasil, o único país no mundo que consegue apresentar aumento na produção de alimentos e de biocombustíveis, e tem potencial para crescer vertical e horizontalmente com sua agricultura. Ou seja, possui área disponível para o aumento de suas lavouras, sem derrubar nenhuma árvore, e ainda não usa toda tecnologia disponível, o que pode aumentar a produtividade no campo.

Para a agricultura energética brasileira as possibilidades são imensas e com a chegada de novas tecnologias, inimagináveis. Adilson Liebsch, da Amyris, uma empresa americana que fincou os pés no

Brasil com o firme propósito de usar a abundante agricultura energética da cana-de-açúcar para buscar alternativas ao petróleo, mostrou o quanto este caminho está percorrido. O diesel de etanol, já é realidade e está sendo testado em ônibus na cidade de São Paulo. Um trabalho focado no transporte coletivo urbano com o objetivo de diminuir a poluição nas grandes cidades. Até 2020, a expectativa é de que 70% da frota paulistana será movida a diesel de cana.

Depois das palestras e da quantidade de informações recebidas, os futuros jornalistas visitaram a área agrícola e industrial da maior usina de cana-de-açúcar do mundo, com capacidade para moer em um único dia 45 mil toneladas. As dúvidas sobre a sustentabilidade do setor foram sendo tiradas em cada etapa da visita com exemplos sendo vistos na prática: plantio de baixo impacto, colheita mecanizada, requalificação da mão de obra rural, rotação de cultura, autossuficiência energética, qualidade dos produtos, eficiência logística, entre outros.

Foram 3 dias do Ciclo de Palestras e Visitas, além do Seminário Agronegócio e Sustentabilidade. O objetivo do IV Prêmio ABAG/RP de Jornalismo foi mais uma vez alcançado antes do seu término. Independente das matérias que estes futuros jornalistas inscrevam para concorrer ao prêmio físico da jornada, um iPad2-3G, o entusiasmo de cada jovem ao final das palestras e das visitas, e as declarações impressas na primeira página, mostram que a semente foi bem semeada. Uma jornada que revelou a eles o **real agronegócio do Brasil, um Brasil de futuro, o Brasil do presente.**



*Luis Carlos Correa Carvalho, Vice-Presidente da ABAG; Christian Lobbaur, Presidente da CitrusBR; Maurício Alencar, Chefe Geral da Embrapa Pecuária Sudeste; Adilson Liebsch, da Amyris Brasil; Anselmo de Paula, da Cocapec; Luis Mattoso, Chefe Geral da Embrapa Instrumentação Agropecuária; Sílvio Crestana, ex-presidente da Embrapa; Patrícia Milan, Diretora da ABAG/RP; e Edilson Fragalle, jornalista da Embrapa*



## Bebedouro: a terra da laranja, da cana-de-açúcar e das oportunidades

**M**eados do século XIX, as tropas de boiadeiros já sabiam o que queriam de Bebedouro. Era a terra escolhida pela qualidade da água do Córrego Bebedouro. Século XXI, foi a vez de um dos maiores grupos do setor sucroenergético escolher a cidade para instalação do porto seco, no novo Distrito Industrial V.

Os 128 anos do município são de dedicação à agricultura. As terras da cidade foram desbravadas por imigrantes italianos e emigrantes baianos que apostaram no poder da cafeicultura. Na década de 1950, os agricultores Francisco Medeiros e Raul Furquim investiram na citricultura. Foi no auge desta cultura, nos anos 1980 que a cidade conquistou o título de “Capital da Laranja”.

Bebedouro também está ligada a história do maior grupo de produção mundial de suco de laranja, onde foi comprada sua 1ª propriedade, a Fazenda Santa Alice, e iniciada a preparação para criar a primeira fábrica moderna de exportação de suco de laranja.

Na década de 1970, começou outra grande história do agronegócio da cidade. Foi fundada a Cooperativa dos Cafeicultores e Citricultores de Bebedouro, a Coopercitrus, hoje Cooperativa de Produtores Rurais, uma das maiores cooperativas do estado de São Paulo, que vem apresentando crescimento anual de 25%. Da união destes agricultores também nasceu nos anos 1980 a Sicoob Credicitrus, uma das maiores cooperativas de crédito rural do Brasil.

O auge da cidade foi em meados dos anos 1980 quando aconteceram fortes geadas nos pomares da Flórida, nos Estados Unidos. A falta de fruta no mercado internacional foi suprida com as laranjas colhidas na região.



Foto Comunicação Coopercitrus

A força da citricultura gerou milhares de empregos com o pleno funcionamento de processadoras de suco, hoje fechadas. A cidade teve um salto populacional de 50 mil para 74 mil habitantes com a chegada de migrantes de vários estados brasileiros, para trabalhar na colheita, nas indústrias e na prestação de serviços.

Em 1989 começou a crise da citricultura. Superprodução dos pomares, queda nas exportações e endividamento dos produtores atingiram diretamente a economia de Bebedouro.

A partir de 2000, a expansão da área plantada da cana em cima das terras dos pomares, ajudou a reerguer a cidade. A opção pela prestação de serviços, na área de educação e logística, também foi ponto decisivo para o novo salto de desenvolvimento.

Ponto estratégico no coração de São Paulo, cortada por duas excelentes rodovias, Bebedouro, com seus 75 mil habitantes, é referencial para uma população de cerca de 12 milhões de habitantes, num raio de 200 quilômetros, o que, segundo a prefeitura, explica o grande interesse das empresas de transporte e distribuição pela cidade. Hoje são quase 2.000 empresas instaladas e mais 62, algumas de grande porte,

em instalação. A infraestrutura faz a diferença: estrada de ferro, três terminais rodoferroviários, porto seco e o aeroporto, que o poder público local e os empresários querem transformar em terminal de cargas.

A recuperação econômica já pode ser medida. Bebedouro melhorou a participação no Imposto Sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Em 1998, o município tinha 0,13% de participação. Em 1999, saltou para 0,17% e, em 2000, para 0,19%.

O campo continua impulsionando a cidade e nos próximos 5 anos o panorama deve melhorar ainda mais. Os novos pés de laranja vão começar a produzir, e com as tecnologias incorporadas, a produtividade média por hectare deve chegar a 40 toneladas, ante a média no estado de 18 a 20 toneladas por hectare.

Enquanto isso, os quatro distritos industriais vão sendo ocupados. O quinto já está a caminho e nele será instalado o porto seco que facilitará a exportação dos produtos de toda região. Bebedouro se reinventa a cada crise, buscando novas oportunidades, mas sempre contando com a força de sua tradicional agricultura para ser o porto seguro de seu desenvolvimento.